

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

### **Pés de obra na Europa: experiências e memórias de futebolistas brasileiros negros**

MARCEL DIEGO TONINI\*

Este texto é resultado da pesquisa de doutorado intitulada “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. O objetivo geral foi propor um estudo sobre o fenômeno do racismo e da xenofobia na sociedade europeia através principalmente de algumas entrevistas realizadas com tais profissionais que migraram para a Europa entre a década de 1960 e a atual. A intenção era relacionar o problema da negritude no futebol em vista de um contexto social mais amplo, o qual tem como pano de fundo a globalização e as migrações internacionais. Os numerosos e recorrentes casos de racismo no futebol europeu, muitos dos quais envolvendo futebolistas brasileiros negros, e que apenas recentemente têm chamado a atenção da mídia brasileira, conclamaram-me a continuar os estudos iniciados no mestrado.

Naquela oportunidade, aliás, uma história oral de vida em especial forneceu-me um indício de que o tema em questão poderia ser aprofundado se somasse a ele exatamente as problemáticas da imigração, da identidade nacional e da pluralidade cultural. Um trecho específico da entrevista realizada com o notório ex-atleta Junior (Leovegildo Lins Gama Junior) fez-me refletir sobre as experiências, memórias e idiossincrasias dos brasileiros em gramados europeus. Estimulado a falar sobre situações pessoais de discriminação racial quando vivera na Itália, ele lembrou-se de um episódio em que um companheiro do Torino lhe indagara a respeito de uma faixa da torcida da Juventus com os seguintes dizeres: “Junior, negro sujo! *Sporco negro!*”. A sua reação ao tomar conhecimento do fato viera pela expressão de uma frase significativa: “Ah, eu vivo num país em que a miscigenação é total. Isso aí... não me preocupa por nada.”.

Datado de 18 de novembro de 1984 – ano em que Junior chegara à Itália –, o acontecimento deu-se no *Derby della Mole*, entre Juventus e Torino, disputado no então Estádio *Comunale*, partida em que o Torino venceu de virada, 2 a 1, com o segundo gol saindo após escanteio cobrado pelo brasileiro nos instantes finais. Junior era um dos quatro futebolistas estrangeiros da partida, sendo o único de fora da Europa e negro. Mesmo se a faixa dos torcedores da Juventus não tivesse destinatário, ele era o alvo da discriminação

---

\* Universidade de São Paulo, doutorando em História Social.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

racial. Ela, no entanto, tinha endereço, e Junior soube de sua existência por um colega, comprovando no dia seguinte ao ver no jornal, conforme relatou.

A representação do diálogo também é expressiva. Primeiro, o ex-jogador brasileiro disse os escritos contidos na faixa de forma traduzida; depois, em italiano, *ipsis litteris*. A tradução manteve o significado principal da ofensa original (a palavra portuguesa *sujo* no lugar do vocábulo italiano *sporco*), porém a etimologia com a palavra *pórco* (porco) se perdeu. E esta palavra tem um peso simbólico que não podemos descartar, sobretudo na cultura ocidental cristã, que a associa a um ser desprezível, à imundice e à impureza. No sentido figurado, ainda está relacionada a algo que ofende a moral. Atrelada a palavra *negro*, (des)qualifica-a e, obviamente, remete-se aos negros de origem africana e à escravidão a qual foi submetida tal população durante o período do colonialismo moderno, entre o final do século XV e o início do século XIX. O sentido pejorativo do termo ainda ganha expressividade com a referência subliminar à metáfora animal, bestializando o futebolista brasileiro negro ou, em outros termos, tirando-lhe a natureza humana.

A reação de Junior merece atenção, tanto por sua forma, quanto pelo seu conteúdo. Embora estivesse representando um diálogo ocorrido no passado, o ex-atleta demonstrou certa surpresa ao usar uma interjeição inicial (*Ah*) que pelo contexto expressa negação. Ao mesmo tempo, a hesitação na formulação da segunda frase (*Isso aí...*) leva-me a conjecturar que o tempo presente da entrevista estaria influenciando a lembrança do evento passado. Em vista da tensão racial estabelecida entre cidadãos locais e um estrangeiro, ou entre torcedores italianos e um futebolista brasileiro negro, Junior contrapôs a discriminação através da afirmação exagerada (*total*) de sua própria cultura: a miscigenação racial. Ao valorizar a mestiçagem brasileira dessa maneira – como se a mistura racial fosse algo ocorrido somente aqui ou, de outro modo, como se os povos de outros países fossem compostos por raças “puras” –, a minha primeira impressão foi a de que, aos olhos de Junior, não há racismo no Brasil. Sua reação não é de indignação, mas de minimização do acontecimento.

Ao enunciar com outras palavras que as relações raciais no Brasil se dão de maneira diferente, estaria Junior tentando dizer que, ainda que haja racismo aqui, ele não se manifesta de forma tão explícita como no exterior? Se ele não se deparou nos estádios brasileiros onde jogou, nas mais diversas e distantes regiões, com faixas com os dizeres “Junior, negro sujo!”,

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

quão enganado está em seu raciocínio? Será que esse tipo de manifestação transgride o limite de uma atitude racista “aceitável” dentro do próprio meio? Uma vez que se trata de mais de um tipo de racismo no futebol, haveria aqueles que são toleráveis e outros não toleráveis? Esse tipo proveniente de torcedores ou torcidas organizadas seria justamente aquele que é inadmissível? Ou seria propriamente a manifestação explícita o que não é aceitável?

À medida que me atentava para o referido trecho da entrevista feita com Junior, um sem número de perguntas ou dúvidas surgia: situações de discriminação racial também teriam acometido as carreiras de outros futebolistas brasileiros negros que atuaram no exterior? Na convivência social com os cidadãos locais, eles e suas famílias também passaram por tais circunstâncias? Como eles reagiram? As experiências vividas no exterior teriam influenciado o modo como eles enxergam as relações raciais no Brasil? Tais vivências fizeram com que eles refletissem sobre sua própria identidade étnica? Teriam assumido a negritude pelo estabelecimento de uma oposição étnica, nacional? A visão de Junior sobre a questão corresponderia a de toda uma coletividade de jogadores que passaram pelas mesmas experiências? A crença na democracia racial brasileira estaria presente no discurso de outros futebolistas? Esse mito seria tão forte que se reproduz consciente ou inconscientemente em suas narrativas?

Conforme transpareceu nesta discussão introdutória, o tema da tese é um campo extremamente complexo e escorregadio, por vezes minado, cheio de meandros, imbricações, controvérsias, pontos de vista. É um imenso desafio porque ainda existe um tabu na sociedade brasileira ao abordar assuntos como identidade étnica, relações raciais e racismo. Nós, brasileiros, temos tanta dificuldade de falar a respeito, devido ao modo como as relações raciais se estabeleceram e à imposição do discurso da democracia racial ao longo de décadas, que se tornou comum tentar escamotear os nossos preconceitos e reproduzir o mito de que não existe racismo no país, ainda que diante de tantos fatos irrefutáveis sobre a desigualdade racial em diversas esferas sociais (mercado de trabalho, educação, saúde, polícia, justiça). Se nas vezes em que reconhecemos o racismo no Brasil ele é sempre um atributo do “outro”, como argumenta Schwarcz (2001: 77), que dirá quando esse “outro” é estrangeiro ou quando se trata da imagem do Brasil no/para o exterior.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

Em determinado momento histórico, a crença na democracia racial chegou a tal ponto que se cristalizou a ideia de que o Brasil seria um “paraíso racial”, um modelo internacional de sociedade com relações harmoniosas, livre de preconceitos e discriminações raciais. Diante desse quadro, ouvir as histórias e os discursos construídos por futebolistas brasileiros negros que migraram para a Europa e retornaram ao Brasil nos últimos cinquenta anos apresenta-se extremamente relevante, sobretudo por ser uma das áreas profissionais supostamente mais representativas desse processo histórico-cultural. As imagens das congratulações entre os jogadores negros e brancos da Seleção Brasileira ao vencer a Copa do Mundo de 1958, em especial o momento em que o negro Pelé é confortado pelo goleiro branco Gylmar, rodaram o mundo e reforçaram aquela visão mentirosa, revelando o importante papel exercido pelo futebol. Desde então, Pelé tornou-se para o mundo o próprio retrato do Brasil.

### **O tema em perspectiva**

Olhar o tema em perspectiva histórica foi um passo importante para compreender melhor minha problemática. Através de um levantamento de fatos relacionados ao racismo, à xenofobia e à migração de futebolistas brasileiros negros, selecionei e apresentei aqueles que julguei mais relevantes para o debate. Como os fenômenos em questão não acometem apenas minha comunidade de destino, fiz questão de salientar episódios que ocorreram com atletas negros e estrangeiros de outros países, tanto dentro quanto fora do futebol. Tratar sobre esses acontecimentos se justificou pela extrema relevância deles no contexto geral e pela influência direta ou indireta no universo do futebol. Utilizei, para tanto, variadas fontes escritas e visuais: jornais, revistas, dados estatísticos, leis, relatórios, discursos, entrevistas, autobiografias, biografias, crônicas, charges, fotografias, documentários, ensaios; algumas delas disponíveis em suporte eletrônico, outras consultadas em uma bibliografia pertinente (livros, artigos, teses e dissertações).

Nesse longo caminho, o primeiro fluxo de futebolistas brasileiros para o futebol europeu deu-se a partir da metade da década de 1920, após as conquistas uruguaianas nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 e na Copa do Mundo de 1930, as quais marcaram o reconhecimento da qualidade do futebol sul-americano pelos europeus. Em um período de grandes transformações sociais, crescimento econômico e efervescência cultural e artística na

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

Europa Ocidental e na América do Norte, os discursos racistas e exóticos formulados sobre pensadores, músicos, artistas, dançarinos e futebolistas negros, tais como o uruguaio José Leandro Andrade e o brasileiro Arthur Friedenreich, estavam muito próximos, quando não se mesclavam e se confundiam.

Devido ao crescimento econômico pelo qual passava a Itália fascista dos anos 1930, muitos argentinos, uruguaios e brasileiros de ascendência italiana foram tratados como cidadãos residentes no exterior, sendo denominados pelo governo italiano como *rimpatriati*, isto é, repatriados. Outros fatores que contribuíram para esse processo de reintegração de futebolistas da América do Sul foram: o sucesso das primeiras tentativas na segunda metade da década de 1920, a quebra da economia mundial, a instabilidade política na Argentina e no Brasil e a profissionalização tardia do futebol sul-americano.

Dois motivos internos, por sua vez, que fizeram com que os atletas brasileiros migrassem para o exterior foram a busca por uma melhor remuneração, devido ao falso amadorismo e ao profissionalismo incipiente, e a “Lei do Estágio”, a qual estipulava o prazo de um ano de espera para que jogadores pudessem atuar após trocarem de clube. A saída dos ítalo-brasileiros é analisada por Lopes (2004: 142-143) como uma das razões para uma maior integração dos negros no futebol brasileiro. Em suas palavras, estes atletas estavam excluídos daquele processo ou, ao menos, tornavam-se “pouco exportáveis”, estando “condenados ao sucesso ‘local’” e sendo identificados como “os grandes iniciadores do futebol nacional”.

O sucesso da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938, disputada na França – um inédito terceiro lugar –, fez com que Gilberto Freyre definisse o que denominou de “foot-ball mulato”, em contraposição ao estilo europeu de praticar futebol:

O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa do que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de standartização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No foot-ball, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o foot-ball europeu é uma expressão apolínea – no sentido spengleriano – de método científico e de esporte socialista em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha. (FREYRE, 1938: 4).

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

A interpretação freyreana sobre as relações raciais no Brasil foi aplicada, assim, ao futebol e reproduzida em obras de tantos notáveis autores, como Mario Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego. Apesar dos fracassos brasileiros nas competições internacionais de 1950 e 1954 e, conseqüentemente, das leituras estereotipadas e racistas sobre os negros no esporte que se tornou nacional, as conquistas da Seleção Brasileira nas Copas de 1958, 1962 e 1970 fizeram com que um sem número de jornalistas, cronistas e intelectuais descrevessem o futebol como um espaço exemplar da democracia racial no Brasil, dada a quantidade e a qualidade técnica dos atletas negros. As imagens, por exemplo, das congratulações entre os jogadores negros e brancos da Seleção Brasileira ao vencer a Copa do Mundo de 1958, em especial o momento em que o negro Pelé é confortado pelo goleiro branco Gylmar, rodaram o mundo e reforçaram a falsa visão de que o Brasil seria um “paraíso racial”, um modelo internacional de sociedade com relações harmoniosas, livre de preconceitos e discriminações raciais.

Não se trata de negar o fato de o selecionado nacional ter sido o primeiro time multirracial a conquistar a competição esportiva mais importante, nem a transformação da prática futebolística através do uso de práticas corporais da cultura negra, mas sim problematizar a construção de um sedutor discurso biologizante. Em outras palavras, essas essencializações na ordem do discurso, as quais buscam explicar o sucesso esportivo exclusiva ou principalmente por variáveis biológicas, devem ser relativizadas por uma série de outros fatores, tais como: classe social, nacionalidade, tradição esportiva, afinidade identitária, exigência instrumental e supervalorização midiática e social de determinados esportes. Esse conjunto de elementos explica a incidência maior ou menor de negros e brancos nas mais diversas modalidades (futebol, basquete, boxe, natação, vôlei, tênis). Ainda mais grave naquele tipo de discurso é o argumento subjacente de que, ao defender que os negros são predestinados ou vocacionados por natureza para atividades basicamente corporais, como nos campos esportivo e artístico, não lhes competem atividades que demandem habilidades intelectuais, como nos campos político, econômico e acadêmico. No entender de Damo (2010: 166): “Trata-se de um racismo difuso, mas muito presente dentro e fora do campo esportivo.”.



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

Os triunfos do selecionado nacional em Copas do Mundo despertou o interesse dos clubes europeus na contratação dos atletas brasileiros, incluindo os negros. Entre a metade da década de 1950 e a de 1960, muitos foram os futebolistas que migraram para o Velho Continente. Devido ao número limitado de vagas para jogadores estrangeiros, a falsificação de documentos em busca do passaporte europeu e a conivência das federações nacionais europeias se deram de tal maneira que a FIFA decidiu, em 1964, pelo fim da dupla ou multinacionalidade esportiva. Somado a outros fatores, isso fez com que as federações europeias fechassem as fronteiras para novos futebolistas estrangeiros e voltassem às colônias e ex-colônias para suprir a demanda, uma vez que o baixo custo desses atletas facilitava a concretização dessas transferências, e os laços culturais e a mesma língua minimizavam os riscos. No caso brasileiro, é muito provável que a Convenção sobre Igualdade de Direitos e Deveres entre Brasileiros e Portugueses, datada de 1971, tenha facilitado o fluxo de futebolistas para Portugal, país que tradicionalmente mais contrata atletas do Brasil.

Dois dos cinco mercados mais importantes da Europa, Espanha e Itália, reabriram seus mercados aos futebolistas estrangeiros, respectivamente em 1973 e em 1980. Somado a isso, várias federações nacionais europeias, no início dos anos 80, alteraram seus regulamentos, de modo a ampliar o número de vagas para atletas vindos de fora. Nessa mesma época, os clubes europeus passaram a ter novas fontes de renda através de fabricante de material esportivo, patrocínios estampados na camisa e cotas de televisão, o que possibilitou comprar direitos federativos e ofertar salários na casa dos milhões. Para piorar a situação do futebol nacional, o Brasil vivia uma profunda crise econômica que atingia todos os setores. Deve-se considerar ainda a desorganização administrativa dos clubes, das instituições esportivas e dos campeonatos locais. A grave situação financeira dos clubes nacionais fez com que a “exportação” de jogadores fosse vista como “solução” (PRONI, 1998: 219). A demanda dos clubes europeus pelos futebolistas brasileiros não podia encontrar cenário melhor. Para o grande público, começava o “êxodo” ou, ao menos, tornava-se nítida a saída dos jogadores convocados para a Seleção Brasileira: Falcão (1980), Edinho (1982), Batista (1983), Toninho Cerezo (1983), Zico (1983), Sócrates (1984) e Junior (1984).

Se a década de 1980 marcou a flexibilização dos regulamentos nacionais europeus, a de 1990 aboliu o “passe” e implementou a livre circulação de atletas profissionais após o

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

término do contrato de trabalho, e a livre concorrência. O caso Bosman, cuja sentença foi promulgada no fim de 1995 pela Corte Europeia de Justiça, é, a meu ver, o momento de ruptura de um processo em curso havia décadas e que tendia exatamente a isso. Anterior a ele, a Lei Zico, datada de 1993, tentou extinguir a “Lei do Passe” no Brasil, algo que só ocorreu cinco anos depois com a Lei Pelé. Esta, no entanto, não é a única razão para a saída de milhares de futebolistas brasileiros nos anos 2000. Devem ser considerados: a própria Lei Bosman, os salários maiores e pagos em dia pelos clubes estrangeiros, as melhores condições de trabalho, a organização dos campeonatos de outros países e os fatores de ordem pessoal e familiar, tais como a concretização de um projeto coletivo de ascensão social, a realização profissional, a vontade de atuar e morar fora do país, a experiência cultural e uma melhor qualidade de vida. Como consequência desse processo, assinalo os seguintes pontos sobre essa migração específica:

- 1) A carreira cada vez mais breve dos jogadores “estrelas” nos clubes brasileiros, antes de assinarem com clubes europeus;
- 2) A saída de jogadores de qualidade técnica mediana para quaisquer mercados do futebol, inclusive para divisões inferiores, porém com salários maiores que no Brasil, tais como Portugal, Indonésia, Armênia, Vietnã, Islândia e Índia;
- 3) O número crescente de jogadores que debutam profissionalmente fora do Brasil;
- 4) O número também crescente de atletas profissionais que retornam ao Brasil, sendo que as “estrelas” voltam quando estão envelhecendo. (TONINI, 2016: 152).

As décadas de 1970 e 1980 marcaram a entrada de milhares de refugiados, ex-colonizados e imigrantes legais e ilegais na Europa. Esse fato causou reações nas comunidades locais. Alguns setores da sociedade adotaram um discurso nacionalista e passaram a reagir violentamente, de modo simbólico ou não. Estádios de futebol foram (e continuam sendo) usados por torcedores ultras e *hools*, uma parcela dessa população, como um espaço privilegiado para esse tipo de demonstração. Não é coincidência, portanto, que esses torcedores específicos cresceram no mesmo compasso e na mesma época em que o futebol se desregulamentou, abrindo-se para jogadores estrangeiros. Cânticos e faixas racistas, urros de macacos e bananas atiradas ao campo são práticas recorrentes desde então, fazendo particularmente dos atletas da África e da América do Sul suas vítimas favoritas. Nesse sentido, o futebol foi tomado como uma arena pública singular para a disseminação e a prática do racismo.



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

### **Hipótese e procedimentos metodológicos**

A minha hipótese inicial era que os futebolistas brasileiros negros que migraram para o continente europeu até fins da década de 1970 tenderiam a minimizar o racismo no futebol por terem sido educados no Brasil ainda num período de valorização do discurso da democracia racial, quando a transformação do pensamento de intelectuais e ativistas negros não tinha atingido o grosso da população brasileira. Supus que esses futebolistas tenderiam a caracterizar o racismo no continente europeu como mais claro e segregacionista do que o brasileiro, visto como dissimulado e assistemático. Já os futebolistas brasileiros negros que migraram a partir da década de 1990 tenderiam, por sua vez, a não estabelecer grandes diferenças entre o racismo na Europa e no Brasil, haja vista que foram educados num contexto de redemocratização e de lutas e conquistas dos movimentos negros no Brasil. Depois da experiência de viver no exterior, supus que eles perceberiam o racismo (e os demais problemas sociais) no Brasil de forma mais crítica. De qualquer maneira, tratando-se dos atletas negros migrantes dos anos 1970 ou daqueles dos anos 1990, haveria um afloramento da negritude na Europa, fosse para o “bem” (como sinônimo de ser bom jogador de futebol, o que recai no discurso biologizante), fosse para o mal (sofrer situações mais claras de discriminação racial).

Dentre os gêneros de história oral, privilegiei a história oral de vida por estar interessado mais nas memórias e experiências do que nas eventuais informações objetivas contidas nas narrativas dos entrevistados. Por lógico, essa escolha implicou um tipo aberto de entrevista. Observo, contudo, que não se trata de uma reconstrução cronológica e factual da biografia dos entrevistados através da sua memória. O fato de os meus entrevistados saberem do meu interesse em registrar o seu relato – as suas memórias e experiências sobre a sua própria atuação enquanto futebolistas brasileiros negros no continente europeu – já submete certamente a narração a algum tipo de corte, cada qual a sua maneira. Obviamente, não esperava obter verdades absolutas por meio das histórias de vida, mas que “[...] a partir dela, da experiência concreta de uma vida específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto.” (DEBERT, 2004: 142). Em outras palavras, busquei uma “outra história” por meio de uma narrativa do conjunto das experiências de vida

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

dessas pessoas, na qual elas tenham mais liberdade para falar – inclusive sobre seus aspectos mais íntimos –, revelando o valor dessa história de vida em si.

Nessa perspectiva de trabalho, minha “comunidade de destino” foi marcada por futebolistas brasileiros negros no continente europeu, isto é, um grupo de pessoas marcado pelas experiências da migração e do racismo. Dentro dessa ampla coletividade, cabia recortar o objeto, delimitando qual grupo de jogadores será entrevistado. Em se tratando de futebolistas profissionais, a minha “colônia” foi composta por aqueles que tiveram enorme sucesso na carreira, que jogaram pelos grandes clubes do futebol brasileiro, que disputaram as maiores competições europeias por clubes conhecidos internacionalmente e que, à exceção de um entrevistado, vestiram a camisa da Seleção Brasileira. Procurei entrevistar atletas profissionais de distintas épocas (da década de 1960 até hoje) e países de atuação (Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália, França, entre outros). Ao todo foram feitas dezesseis entrevistas.

Com a realização delas, busquei levantar e investigar questões superficialmente abordadas pela produção acadêmica até o presente, as quais dizem respeito à vivência deles no exterior, ou seja, às experiências, memórias e identidades dessa comunidade de destino. No intuito de aprofundar as discussões, alguns pontos foram preponderantes, tais como: motivações, expectativas e medos ao emigrar à Europa, principais dificuldades na integração social, diferenças culturais entre o país de destino na Europa e o Brasil, melhores e piores experiências vividas no exterior, relacionamento com os demais jogadores e cidadãos locais, situação pessoal de discriminação racial ou étnica no futebol e na sociedade, diferenças entre o racismo no Brasil e na Europa, motivações para retornar ao Brasil quando a carreira terminou ou estava no fim, principais dificuldades no retorno, balanço do movimento migratório empreendido.

### Trechos selecionados

Muitas situações pessoais de racismo no Brasil foram relatadas nas entrevistas. Luís Pereira, por exemplo, contou que: “Em Sorocaba, tinha um clube em que não entrava negro: o Sorocaba Clube. Me lembro o nome até hoje. Não entrava negro, era só da *society*.”. História idêntica foi relatada por Paulo César sobre uma excursão do Botafogo a Bagé, onde no restaurante do *Coutry Club* tinha uma placa com “letras garrafais: ‘Proibida a entrada de

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

negros””. Em outro momento, Luís Pereira revelou três episódios que envolveram a polícia, pelo fato de ele, familiares e amigos, todos negros, estarem em “carros novos”, duvidando-se que não tivessem condição de comprá-los e suspeitando, pois, que fossem ladrões. Paulo Cézar, novamente, disse ter namorado uma moça rica, de uma família tradicional no Rio de Janeiro, cuja mãe “não admitia” que ele subisse ao apartamento. Cláudio Caçapa também contou um caso em um aeroporto, onde, assim que se sentou em um dos bancos, as pessoas ao lado “se levantaram”. Revelou, também, que pais “buscaram suas crianças” só por conta de ele estar perto delas, e, ainda, que pessoas atravessaram a rua ao verem que ele estava no mesmo “passeio” vindo ao encontro delas. Junior lembrou-se de um caso, também no Sul do país, em que as pessoas olharam “com cara de espantinho” para Adílio e Belisário, jogadores negros do Flamengo naquele tempo. Betão, por sua vez, contou um episódio no futebol, em que o Corinthians foi a Porto Alegre jogar contra o Internacional, e os torcedores colorados insultaram-lhe: “Favelado! Volta pro Carandiru! Macaco!”. Esses e outros episódios relatados revelam como o racismo se manifesta no Brasil em diferentes épocas, lugares e situações, em áreas “pesadas” das relações raciais (interações com a polícia e relações interétnicas), de forma escancarada (proibições), de forma verbalizada (Betão), não verbalizada (Caçapa) ou ainda estereotipada (Junior).

Considerando os objetivos, volto a atenção para o cenário europeu. Ao serem estimulados a falar das características ou especificidades do racismo no Brasil e nos países europeus em que atuaram, alguns futebolistas entrevistados traçaram comparações à luz das próprias experiências. Djalminha, por exemplo, disse: “se eu for comparar os racismos no Brasil e na Europa, sem dúvida que na Áustria era muito mais nítido.”. Exemplificou com um episódio corriqueiro na vida social, em que “pediu uma informação”. Por mais que os austríacos não verbalizassem, Djalminha “percebia pela atitude deles que tinha uma diferença de tratamento” e por imaginar que eles quisessem defender o território nacional, uma situação diferente do que ele vivenciou na Espanha. Demonstrou acreditar que a diferença está na “educação, cultura e informação”. Em suas palavras:

Ah, se eu for comparar os racismos no Brasil e na Europa, sem dúvida que na Áustria era muito mais nítido. Até pra pedir uma informação na Áustria, eu via uma má vontade dos austríacos. Eles não verbalizavam de maneira explícita, mas eu percebia pela atitude deles que tinha uma diferença de tratamento... Parece que eles pensavam: “Isso aqui é meu! Não quero ninguém de fora aqui, porque isso aqui é

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

meu.”, constringendo em geral quem fosse de fora. Afinal, eles não sabiam a minha nacionalidade, só sabiam que eu não era austríaco, não era dali. Então, eu chegava pra pedir uma informação em inglês, e eles já me respondiam mal porque não queriam ajudar um estrangeiro... Não era uma coisa explícita na fala, mas era nítido e claro. Um austríaco se relacionava com um conterrâneo de maneira amável, e com quem fosse de fora tratava de forma diferente.

Isso não acontecia na Espanha. Pessoas com a cabeça mais fechada é tudo mais complicado, com a cabeça mais aberta é outra história... A informação, a cultura, a educação, isso tudo torna a pessoa melhor. Ela tem mais informação, começa a ter conhecimento, aí ela muda de opinião. Como eu falei, a pessoa às vezes parece que traz consigo um ranço que vem de geração em geração. Ele é educado daquela forma desde pequenininho:

— Aquele menino ali é negro. Não ande com ele.

A pessoa que tiver mais educação, cultura e informação vai mudando a própria cabeça. Na Áustria, eles são mais fechados. Na Espanha, não, eles já são mais abertos, mais receptivos, naturalmente como os brasileiros são.

João Paulo, por sua vez, relatou um episódio de racismo sofrido no futebol italiano, em que torcedores do Verona “faziam som de macaco”. Disse em seguida que na região “norte” da Itália “sempre tem” atos parecidos, pois “quando você pegava na bola, eles começavam a fazer uma pancada de preconceito, de racismo.”. Considerando essas experiências no futebol italiano, voltou-se para a realidade brasileira e julgou: “Eu acho que aquilo [na Itália] é... totalmente diferente.”, uma vez que no Brasil nunca se deparou urros simiescos em que jogou nos clubes brasileiros. Conforme relatou:

Na Itália, tinha racismo. Lá em Verona, uma vez que nós fomos jogar, quando pegava na bola, eles faziam som de macaco. Foi só uma vez também, depois pararam. Joguei várias vezes lá e foi só essa vez... E naquele dia nós ganhamos de quatro ainda deles, eles ficaram quietos. Dentro do Bari, ninguém tocou no assunto... Mas tinha uma coisinha assim mesmo, principalmente naquele lado de Verona. No norte sempre tem, né?!... Depois desse caso, aí proibiram, cortaram tudo e ficou tranquilo... Então, dentro do jogo tinha racismo. Quando você pegava na bola, eles começavam a fazer uma pancada de preconceito, de racismo. Faziam uns sons... mas eu nem ligava pra essas coisas, não... Naquela época, tinha isso na Itália. Hoje ainda existe um pouquinho, mas diminuiu bastante.

Aqui no Brasil, nunca aconteceu, nunca tive problema nenhum, não... Outra torcida xingar é normal. Quando você vai jogar fora, os caras te xingam, mas xingam porque está jogando contra o time deles... Aqui acho que nem tem racismo. Tem, assim: os torcedores te xingam às vezes de alguma coisa, masss... Não tem, não. Igual lá fora não tem, não. Eu acho que aquilo é... totalmente diferente.

Outros entrevistados, porém, tão logo abordaram o racismo nos países europeus em que atuaram, fizeram questão de falar do racismo no Brasil, de modo a esclarecer que também somos um país racista. Paulo Sérgio, por exemplo, sustentou: “o mesmo racismo que nós

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

enfrentamos na Europa, enfrenta-se no Brasil também.”. A fim de explicar, ilustrou com uma situação em que uma pessoa é vista chegando a uma loja com um carro barato ou com um carro caro. O tratamento do atendente, segundo ele, mudaria conforme o poder aquisitivo da pessoa. A ideia passada nas entrelinhas é que o “dinheiro embranquece”, como se o problema racial desaparecesse com a classe social ou com a ascensão econômica. Tal como narrou:

Eu tenho uma tese sobre racismo: o mesmo racismo que nós enfrentamos na Europa, enfrenta-se no Brasil também. Vou te dar um exemplo: se você entra em uma loja com um Fusquinha, é tratado de uma forma; se você entra com uma BMW, é tratado de outra. No Brasil, é a mesma coisa...

Ewerthon, do mesmo modo, afirmou taxativamente: “Nós somos um país extremamente racista, essa é a grande verdade”. Disse em seguida haver, além do racismo, vários preconceitos no Brasil e que toda a questão gira em torno da “educação”. Considerou, assim, que, mesmo sendo racistas, “eles [europeus] te respeitam” e os brasileiros “não”, um argumento que dialoga com o que foi dito por Djalminha. Vejamos:

E não é só lá, aqui dentro do Brasil também. Nós somos um país extremamente racista, essa é a grande verdade. Quando eu digo “racista”, eu quero dizer que nós somos racistas em relação à classe social, à cultura, à raça. Esse é o desnível do nosso país. A gente não pode mentir. Então, eu digo assim: eles são, mas eles te respeitam. Aqui as pessoas são e não te respeitam. Infelizmente, é assim. Não é que o nosso país seja pior, não é. Eu acho que ééé... a educação. Eles são educados de uma forma e nós somos educados de outra. São coisas que existem no mundo, em geral. É claro que aqui a proporção é maior porque o nosso país é mil vezes maior do que o país deles... Mas eu não me apego a essa coisa, não, eu nunca me apeguei a esse lado, não.

Um terceiro grupo de entrevistados, vamos dizer assim, julgou que o racismo no Brasil se dá numa “intensidade maior” do que exterior, ou pelo menos disseram ter sido discriminados mais vezes “aqui” do “lá”. Roque Júnior e Cláudio Caçapa, por exemplo, relativizaram argumentando que não só viveram por mais tempo como passaram a infância no Brasil, uma fase da vida em que não eram reconhecidos na sociedade. Betão, por sua vez, de maneira parecida com a visão de Djalminha, no referido trecho, disse que ter sentido por parte dos ucranianos um “preconceito na maneira de olhar”, enquanto que dos brasileiros sente “mais na maneira de falar”. Na sequência, também relativizou a experiência na Ucrânia não só por ser uma pessoa pública como por ter alcançado “respeito” e “admiração” em virtude de ter aprendido a falar russo. Em suas palavras:

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

14

Existe, acho, até numa intensidade maior do que na Ucrânia, porque lá eu sentia o preconceito na maneira de olhar; aqui no Brasil, já é mais na maneira de falar, entendeu? Então, sofri racismo por parte de torcedores, mas nunca algum jogador chegou até mim e me insultou aqui. E lá na Ucrânia, como eu alcancei um respeito e uma admiração muito grande por todos, não só do Dínamo mas também pelos outros clubes e até torcedores, justamente porque eu dava entrevista em russo, eu não sentia preconceito. Agora, as pessoas que não eram do futebol poderiam ter isso contra mim...

Em tom colérico, Júlio César demonstrou-se incomodado tanto com o tema quanto com a pauta por parte da imprensa, e minha também, em discutir a “discriminação na Europa” após ter vindo à tona inúmeros casos de racismo envolvendo brasileiros nos campeonatos europeus. Afirmando com outras palavras ser este um problema mundial, citou “as maiores discriminações” existentes entre as populações de distintas regiões e estados do Brasil. Parecendo conclamar a atenção pública para as nossas causas, vociferou: “A discriminação nossa está aqui. A maior discriminação hoje que tem no mundo é nossa aqui.”. De acordo com o entrevistado:

Todo mundo tem a sua discriminação... Aqui nós temos, Sul com o Norte, Norte com não sei o que... Tem uma discriminação fodida! Paulista com carioca, carioca com mineiro, mineiro com baiano, baiano com cearense, nordestino com... Ahhh, pô, nós vivemos num país ondeee... as maiores discriminações estão aqui! Aí, tem gente que quer falar da discriminação na Europa. Para, gente! Olha aqui:

— Ó, é nordestino. Ah, é paraibano. Ah, é não sei o quê...

Gente! E aí? A discriminação nossa está aqui. A maior discriminação hoje que tem no mundo é nossa aqui.

Paulo César Lima, por sua vez, fez a mesma avaliação, tanto em relação ao Brasil, quanto em relação ao Rio de Janeiro, sua própria cidade natal: “Pra mim, o povo mais preconceituoso, acho que um dos mais preconceituosos do mundo é o brasileiro. Carioca, então, pra mim é o pior, é o mais racista. E é o povo mais sem-educação. Tô falando da minha cidade, entendeu?”. Tendo como referência de combate ao racismo a Lei Afonso Arinos, datada de 1951 – para a qual, cabe dizer, a prática de atos resultantes de preconceitos de raça e cor era apenas uma contravenção penal, e não um crime –, não é de se estranhar que Junior, em opinião oposta à de Paulo César, tenha feito uma leitura sobre o Rio de Janeiro fundamentada na ideia de democracia racial:

Isso aqui no Rio de Janeiro, praticamente, não tem. Acho que, se aplicaram aqui a Lei Afonso Arinos, foi pouco. Às vezes, a gente brinca lá com o nosso barraqueiro da praia, um negão forte. Os caras pra sacanear falam:



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

15

— Ô, seu crioulo?

— Olha a Lei Afonso Arinos, hein!? Vou na delegacia da...

Se leva muito pra esse lado. Porque a miscigenação no Rio de Janeiro, ela é muito grande, né? A convivência entre negros, brancos e mulatos é muito grande. Grande mesmo!

A proposta não era e não é, evidentemente, comparar o racismo brasileiro com os racismos nos países europeus, haja vista que não existem “bons/melhores” nem “maus/piores” racismos. Todos são igualmente ruins e vitimizam pessoas. Fiquemos, então, com a frase dita por Roque Júnior: “O racismo é racismo em qualquer lugar.”.

### Considerações finais

Retomando a hipótese, diria que ela não se verificou totalmente. Sim, com a exceção de Paulo César Lima, os entrevistados (Jair da Costa e Luís Pereira) que migraram para o continente europeu até fins da década de 1970 minimizaram o racismo no futebol europeu. Outros que seguiram o mesmo caminho na década de 1980 (Junior e Júlio César) apresentaram discurso semelhante. Já os entrevistados que migraram a partir da década de 1990, com a exceção de Denilson, não só não negaram como relataram diversas experiências xenofóbicas e racistas nos países europeus em que residiram. Não estabeleceram, no entanto, grandes diferenças entre o racismo na Europa e no Brasil. Pelo contrário, trataram de modo crítico desse problema no Brasil, trazendo, também, muitos exemplos. Julgo, assim, que outros fatores, além do tempo em que nasceram e da educação que receberam, interferem na maior ou menor conscientização racial. A condição social e as experiências vividas, ao menos, são outros elementos a serem considerados. Para quem passou fome até se profissionalizar e não teve oportunidades básicas de educação, saúde e moradia, como é o caso de Denilson, pensar em racismo beira a utopia. Está longe de ser, nessas circunstâncias, uma preocupação ou uma questão de sobrevivência diária. Paulo César Lima, por sua vez, passou por experiências racistas na infância que o marcaram e levaram-no a adotar uma postura contestadora mesmo em uma época em que a democracia racial pouco era contestada fora do âmbito acadêmico e da militância negra. Certo é que não existem fórmulas ou modelos prontos. Junior, por exemplo, que dentre os entrevistados é quem teve melhor

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

16

condição social e educação formal desde a tenra idade, demonstra ainda hoje acreditar no mito da democracia racial.

### Referências bibliográficas

CHNAIDERMAN, Miriam. Racismo, o estranhamente familiar: uma abordagem psicanalítica. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996. p. 83-95.

COELHO, Paulo Vinicius. **Bola fora**: o êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

DAMO, Arlei Sander. Os racismos no esporte. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio (Org.). **Racismos**: olhares plurais. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 155-178.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e da história oral. In: CARDOSO, Ruth (Org.). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul./dez. 2010. Dossiê História e futebol.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938. p. 4.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A modernidade negra. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 42-43, p. 41-61, jan./jul. 2003.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. **Moving with the ball**: the migration of professional footballers. Oxford/Nova York: Berg, 2001.

LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

17

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RIAL, Carmen Silvia. Fronteras y zonas en la circulación global de los jugadores brasileños de fútbol. In: GODIO, Matías; ULIANA, Santiago (Comp.). **Fútbol y sociedad: prácticas locales e imaginarios globales**. Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011. p. 27-50.

\_\_\_\_\_. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008. Antropologia e esporte.

SANTOS, Gislaine Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, p. 275-289, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: PubliFolha, 2001.

TONINI, Marcel Diego. **Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu**. 2016. 470 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. Os racismos no futebol: memórias e experiências de negros no Brasil. In: MARIVOET, Salomé et al. **O que é futebol?** Lisboa: Escolar, 2015. p. 69-106.

\_\_\_\_\_. Os negros e o estilo brasileiro de jogar futebol, ou como as Copas do Mundo ajudaram a inventar uma tradição. In: GIGLIO, S. S.; SILVA, D. M. M. (Org.). **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo-SP: Zagodoni, 2014. p. 109-120.